

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.414
Quarta-feira, 4 de Julho de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

A PATRONAL PRETENDE QUE OS GUARDAS-NOTURNOS SE TRANSFORMEM EM AGENTES A' SUA ORDEM, COM CUMPLIMENTO DAS AUTORIDADES.

Os “desgraçados” senhores

Perante a sua aflitiva situação A BATALHA propõe que se aprove a seguinte lei:

«Art. 1.º—Passam os proprietários urbanos à condição de inquilinos, satisfazendo assim as suas mais caras aspirações.
Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrário.»

Foi entregue ao Senado pela Associação Lisboense dos Proprietários, em seu nome e em nome dos proprietários e agricultores do norte de Portugal, uma longa reclamação na qual se chora em todos os tons a situação insustentável dos detentores da propriedade urbana.

Não se pôde num simples artigo refutar, ponto por ponto, esse documento complexo, urdido de má fé. Esse trabalho compete a outro organismo, que não deixará sem resposta as patacoadas com que, mais uma vez, se pretendeu barlar o público.

Entretanto não podemos deixar de fazer hoje alguns comentários e pulverizar certos argumentos que os pobres proprietários apresentam para assumir uma atitude de vítimas quando, dia a dia se prova, que eles são os mais desumanos carrascos.

Diz o documento em referência: «Sem sombra de exagero, podemos afirmar a v. ex.ª que não há ninguém tam sacrificado pela actual situação como em regra, os proprietários urbanos, e, a despeito disso, contra nenhuma classe tem feito como contra eles, uma tam persistente, injusta e tendenciosa campanha.»

Sacrificados eles, os proprietários! Que diabo osse milhares de inquilinos que pagam rendas exageradíssimas? Que diabo aqueles que se vêem inquietados escurraçados de suas casas, as mobílias na rua, as crianças chorando e dormindo ao relento?

Falam e argumentam os senhores,

como se não tivessem transgredido todas as leis que aumentam exageradamente as rendas, quer despedindo quando lhes apetece os desgraçados dos inquilinos. E o seu descaro, e o seu arrojo, a sua petulância revoltante chega ao ponto de argumentarem com dados estatísticos de 1914, admitindo que apenas tivessem aumentado as rendas duas vezes e meia sobre as de então.

E' claro que, sob este critério, os proprietários não estariam em boas condições. Mas onde estão os senhores que respeitaram a lei e que se limitaram a aumentar apenas 250% as suas rendas?

Acaso disseram os proprietários que, no intuito de barlar o Estado e roubar o inquilino, tem feito a este último exigências sobre exigências, aumentos sobre aumentos, não valorizando os prédios nas matrizes na proporção dos aumentos que fazem, defraudando assim a Fazenda?

Não, os senhores proprietários não falam nestas cousas, limitam-se a chorar perante o parlamento uma pobreza de que não sofrem. Julgaram esses cavalheiros ter apanhado um trunfo de efeito seguro que comoveria o povo, que atrairia sobre eles as simpatias de toda a gente. Há um inquilino—disseram—que só paga seis tostões de renda. Os seis tostões desse inquilino—um inquilino de Alcântara—tanta vez foram agitados que se não sobessemos a que são os senhores, chegaríamos a supor que em vez de rendas de 200, 300 ou 400 escudos mensais, os inquilinos não paga-

vam senão a miséria, a insignificância de \$60.

Mas os desgraçados proprietários não supunham decerto, quando vieram com o argumento dos seis tostões para público, que nós conhecíamos tam bem ou melhor do que eles essa questão excepcional do inquilino de Alcântara.

Esse inquilino pagava é certo, em velhos tempos de vida barata, \$60 de renda de casa. O senhorio, porém, foi-lhe fazendo sucessivos aumentos que chegaram até 4\$00, sem que o inquilino mostrasse descontentamento. Um dia o senhorio vendeu o prédio e o novo proprietário recusou-se a receber-lhe as rendas, obrigando o inquilino a depositá-las na Caixa Geral dos Depósitos. Mas como o primitivo senhorio, no intuito de furtar-se ao pagamento de contribuições, nunca valorizou a propriedade, nem participou que recebia mais dinheiro pelo aluguel, o inquilino depositou a renda legal que era de seis tostões apenas.

Ignoravam os proprietários estes pormenores? Se os ignoravam, até neste argumento que parecia tam convincente, foram infelizes.

Oxalá os senhores sejam de fácil comção e votem uma lei que tudo solucione a contento dos proprietários—lei que bastaria ter a simples e ingénua redacção que segue:

«Art. 1.º—Passam todos os proprietários urbanos à situação de inquilinos, satisfazendo-se assim as suas mais caras aspirações.

Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrário.»

NOTAS & COMENTÁRIOS

A Boa-Hora criminal

A Boa-Hora cuja má reputação está solidamente assegurada, pela sua falta de asseio e pela sua corrupção forneciu ontem um caso vergonhoso e repugnante que ainda mais vinca a péssima fama de que goza.

O ajudante de escrivão Firmino Raimundo Anacleto tentou ontem violentar uma mulher que é mãe de 4 filhos e encontra-se prestes a ter outro. Se não fosse terem acudido prontamente as gritas da vítima a repugnância da violência teria sido praticada.

A mulher que ia sendo alvo da violência há frequentes vezes, por necessidade, devida a uma questão judicial pendente, procurá-lo ao cartório.

Este caso vem projectar alguma luz sobre a maneira ignóbil como a Boa-Hora se encara a dignidade duma mulher—e duma mãe.

Truste e traste

Um jornalista conhecido que tem uma sólida e justa reputação de impenitente blagueur referindo-se numa conversação particular e amena a uma combinação que vem a finalizar no trust das águas minerais acrescentou sorridente:—Só faltava o trust das águas. Porque o traste da água já nós temos:—é o Carlos Pereira.

Em torno todos sorriram aprovativamente.

Cumplicidade partidária

O sr. Carlos Pereira é correligionário político do sr. Moreira de Almeida director do *Diário*. Freqüentes são as vezes que a porta aludido jornal para um automóvel e alguém dele se apeia. O automóvel é do sr. Carlos Pereira, o visitante é o próprio Carlos Pereira.

Não devemos pois fazer admiração por ontem *O Dia* publicar um longo e monótono artigo defendendo o sr. Carlos Pereira. Esse artigo vem recheado de mentiras e de insinuações. O sr. Carlos Pereira, glorificou-se talvez pelo seu próprio punho. Os que defendem a cidade e a população dos perigos de que está ameaçada são ferozmente atacados. No aludido artigo afirma-se, sem pudor de deturpar a verdade, que no comício do Alto do Pinheiro estavam apenas 32 pessoas. Pretende-se também que nós, ao atacarmos o sr. Carlos Pereira por este prejudicar a cidade, o fazemos para preparar a revolução social.

A quanto obriga o sr. Carlos Pereira para se defender dos justos ataques que lhe movemos e a quanto desce o partidismo de *O Dia* que defende um homem por ser correligionário sem se importar no atentado que comete contra os interesses da população.

A NOVA REFORMA DO ENSINO

O povo trabalhador é quem mais pode lucrar com a sua aplicação

Não vamos aqui analisar, pelas razões expostas no artigo precedente, (*) as bases da nova reforma de instrução.

Essas bases, em número de vinte e quatro, constituem, sem contestação dos seus próprios adversários, o trabalho mais completo que em Portugal se tem feito sobre ensino público. Nele se atende a todos os graus e vários aspectos da instrução, de harmonia com as mais modernas concepções pedagógicas, estando tudo logicamente relacionado, de modo a formar um todo harmónico, com um fim bem determinado a atingir. Ora é nesse fim a atingir que está um dos principais méritos da reforma, porque se vê nele claramente, que se pretende favorecer o desenvolvimento físico, intelectual e moral do povo que é a grande maioria.

E é isso que, em regra, se não via nas reformas e reformações que tanto tem abundado no nosso país, digam o que disserem os seus autores. Dessas, não tinha realmente o proletariado que se ocupar muito, pois em nada, ou quasi nada, lhe diziam respeito, sendo, como eram, ou pretensões, embora honestas, a melhorar serviços pedagógicos e burocráticos para os filhos—famílias da burguesia, ou simples pretextos para se alterarem disposições legais, no sentido de se obterem melhorias de situação para os professores e mais pessoal.

Na verdade, que grande interesse teria o povo em que, por exemplo, as classes de instrução primária fossem quatro ou cinco, que as excursões escolares se fizessem ou não às quintas-feiras, que se fizessem ou não os exames—comédias do fim do ano, etc., se tudo isso em nada alterava as condições fundamentais da escola primária, que continuava sendo o que sempre fora: uma quasi inutilidade para os que as frequentavam e uma porta fechada para os mais pobres e para os de pais deleixados.

E com mais razão se poderá pergun-

(*) 26-6-23—Por motivo de força maior não pôde o sr. Moreira de Almeida, o principal autor da reforma, comparecer ao comício de hoje, que cremos, não acontecerá como os seguintes.

tar em que poderiam interessar o povo as reformas dos outros graus de ensino, dos liceus e outras escolas, as quais, com pouquíssimas excepções, tem sido para o povo, como alimento do espírito, o mesmo que para o alimento do povo são a Garrett, o Tavares e outras casas semelhantes?

As próprias escolas de ensino técnico, as escolas industriais e comerciais, criadas há muitos anos, com o fim de favorecer a educação profissional das classes pobres, embora um ou outro bom resultado se aponte, pouco mais tem sido do que inúteis, estando os seus magros resultados muito longe de compensar as despesas que elas ocasionam.

Nem tudo está igualmente mal no ensino do nosso país; mas é curioso notar-se que as escolas que menos cuidados tem merecido os governantes e dirigentes, as que se encontram em piores condições, sobre todos os pontos de vista, à parte as excepções que há em tudo, são as que mais directamente interessam o proletariado. Onde nos encontramos mais atrasados em relação com os países dirigentes da civilização ocidental, não é no ensino do Direito, da Medicina, da Engenharia, etc.; duma maneira geral, não é no ensino superior nem mesmo secundário, em que estamos menos distanciados daqueles países do que muita gente julga. Esse atraso é muito grande na instrução elementar, na educação popular, nas escolas primárias gerais, em que estamos ainda na fase dos alunos sentados, repetindo lições aprendidas de cor, sobre assuntos na maioria inúteis; é nas primárias superiores, de recente criação e que constituem uma das maiores burras, um dos mais autênticos contos do vigário de que a instrução primária tem sido vítima; é nas escolas agrícolas de várias espécies, apesar de os dirigentes andarem sempre a moer-nos os ouvidos com o «país essencialmente agrícola» e outros narizes de cera da política eleitoral; é no ensino colonial—o futuro está nas colónias!—o património ultramarino!—é em tudo isso que mais directamente interessa ao povo trabalha-

dor que estamos em piores condições, o que nos mostra a evidência o caso que os governantes tem feito do povo e a competência com que aqueles vários ramos de ensino tem sido organizados.

O que torna altamente interessante a nova reforma para o proletariado, é que, ao contrário do que até agora se tem observado, a principal preocupação, filha do principal fim a atingir, era organizar o ensino para o povo, duma maneira que se pudesse dizer que se estava realmente numa democracia política e que se compreendia que só com o povo instruído é que, nos tempos modernos, se pode viver como nação civilizada; para que não tenha mais razão de ser a famosa e terrível pergunta de Sampaio Bruno: «cinco milhões de analfabetos, é isto porventura uma pátria?»

As bases da nova reforma não trazem evidentemente o nosso ideal educativo, pois o regime social por que lutamos não se coaduna com um ensino nacional, centralizado, estatal. Mas não nos devemos esquecer de que se não trata do nosso ideal, mas duma reforma de ensino para ser aplicado dentro da actual estrutura económica e política do país. O que compete ao operariado é não deixar perder da reforma o que ela tem de útil para ele directamente, tanto mais que, se os seus adversários conseguissem ferir-lhe de morte, como intentam, mostravam dessa forma que teriam, no futuro, força suficiente para se oporem a qualquer outra tentativa que apparecesse com intuídos progressivos.

Este aspecto da questão é dos que mais devem interessar a organização operária, porque empenhando-se em que a reforma se realize sem sofismas, sem gente com muito bons intuídos... a estragá-la, além de realizar um ganho para a sua instrução e educação, pratica um acto eficaz de intervenção na vida colectiva, num dos mais importantes aspectos.

É vale a pena que uma intervenção se realize, mais necessária do que se julga, como veremos por algumas das bases da reforma.

Emílio COSTA

POR UMA NOITE DE ESTIO.

Sensacionais revelações

O que um guarda-nocturno contou inadvertidamente a um redactor de A BATALHA

Uma destas noites cheias de calor, dum calor insuportável, a cama não nos convidava a um descanso reparador para as nossas forças esgotadas por um trabalho que terminara já pelas primeiras horas da madrugada. Vagueamos então por essas ruas a procurar na aragem fresca um pouco de alívio à transpiração quente e persistente que nos apossentava.

Alguns cavalheiros desses que passam a vida num gósto permanente, não se preocupando com o sorte dos outros, estragando em orgias constantes o produto do trabalho das párias, encontravam-se a cada passo, chapéu para a nuca, gestos de quem havia ingerido em quantidade bebidas caras e perturbantes.

Chegados a uma das ruas da Baixa foi despertada a nossa atenção pela silhueta dum dos muitos guardas nocturnos, que se arrastava num passo cadenciado, fazendo tilintar o molho de chaves de que andava munido.

Um som cavo de palmas fê-lo estagnar o passo, precedido dum «Lá vai!» agudo que cortou o silêncio da madrugada cáida.

Na volta passou junto de nós, e, para dizermos alguma coisa a alguém, quebramos a monotonia que nos rodeava, tentamos entabular conversa.

Enão sempre no serviço, com este calor, a aturar toda a gente... e como não sabemos o que dizer, com o diabo da língua.

Mas o guarda, agitando as chaves, cortou-nos a palavra:

—Ainda agora, vá lá... Mas no inverno, só frio, lá chuva... E então não fazem o novo regulamento que pretendem impor-nos? Deixamos de ter a nossa liberdade, o nosso descanso para sermos os escravos duma associação que nos quer arregimentados, militarizados.

Não sabemos porque, adivinhámos qualquer coisa de estranho, misterioso. E fizemos:

—Não percebe. Uma nova organização? Mas os guardas nocturnos não estão contentes com o regulamento existente?

—Eles é que pretendem uma guarda sua, uma espécie de tropa...

E depois dum largo bocejo enquanto nós fazíamos um gesto de admiração:

—Já há tempos que nós andamos desconfiados da trama que se vem preparando na sombra. E se quer ouvir, eu conto as razões desta desconfiança.

—Porque não—respondemos. A noite está quente e no meu quarto asfixia-se, Porisso é com muito prazer que o ouço.

O nosso interlocutor, depois de lançar uma vista prescrutadora por toda a

rua, não viesse algum freguês perturbar as suas confidências, convidou-nos a sentar nos degraus de pedra da porta duma casa apalçada.

—Não são muito cómodos os sofás, mas estamos à fresca...

Aspirou depois uma larga fumaça e começou:

—Aqui há uns meses um colega meu foi abordado por um cavalheiro, que, depois de saber da insignificância da nossa remuneração, lhe disse que poderíamos ganhar muito mais, fazendo serviço quasi exclusivo para uma associação que para si existe e a que dão o nome de Confederação Patronal. Esta não regatava salários, conquanto que nós fôssemos seus escravos submissos, foi o que eu depreendi da *apalçada* do tal cavalheiro.

Ouve-se um bater de palmas apressado, e o nosso homem levantou-se, pronunciou o «Lá vai!» já conhecido e agitou o molho das chaves.

No regresso observou:

—Aquele vem com cara de poucos amigos. O *pau verde* não o beneficiou e por isso recolhe cédo. Hoje nem com mulheres vem! Teve azar...

E retando a conversa:

Pelo visto a tal Confederação Patronal tem muita pena da situação dos guardas nocturnos... mas eu já lhe percebi o jogo. Vamos ao caso: Nunca mais soube de coisa alguma a respeito da dita associação. Porém, nas alturas da Páscoa, pouco mais ou menos, e em virtude de reventarem algumas bombas de guerra, foram os guardas chamados ao governo civil, sendo-nos ditto pelo magistrado superior do distrito que para futuro devíamos entrar às 21 horas para o serviço e sair às 6 da manhã, dando-nos instruções com certeza que antes de iniciarmos o serviço tínhamos que nos apresentar nas esquadras das respectivas áreas.

E fomos?

—Respondemos ser isso impossível porque não havia tempo algum para descansar. Como sabe, todos temos as nossas profissões de dia e como o salário que pelas sujeiras não nos chega, somos obrigados a trabalhar misto. Saímos das nossas ocupações às 18 ou 19 horas. Comemos alguma coisa e dormimos um pouco até às 21 e meia horas, e às 22 entramos no serviço. Era impossível, portanto, aceitar e protestamos alegando as nossas razões, tanto mais que era contra o regulamento que estabelecemos os nossos serviços.

Acendeu um cigarro e continuou:

—O governador recalcitrando connosco e falou-nos numa futura organização, com o serviço por turnos, etc. E ele, percebendo um natural espanto nosso, porque o que nos expunha demandava

grandes despesas, acrescentou: «Não se aflijam; o dinheiro aparece». Foi uma revelação que condizia perfeitamente com o que fora dito ao meu colega por um dos tais da Patronal, e eu registei.

No entanto continuámos a protestar e saímos.

Uma pausa para ver um indivíduo que passava.

—Este não é cá da área. Vamos ao resto: Já estavam na rua, veio um polícia que queria prender um colega nosso. Impuzemo-nos e ele retirou-se. Mais adiante aparece outra polícia convidando o mesmo colega a acompanhá-lo «que era simplesmente para dar uns esclarecimentos». Na nossa boa fé não nos opuzemos. E o nosso colega lá ficou, não sabemos porque, incomunicável três dias, na esquadra dos Terramotos, findos os quais foi julgado «por desobediência à autoridade» e condenado em 180\$00 de multa e prisão correcional, que pagou, andando tudo por uns 300\$00.

A um gesto nosso de admiração:

—Não se espante que não ficam por aqui as *amabilidades* do governador. No dia em que esse nosso colega foi posto em liberdade e estava em casa caducando o *sejão frade* que se agarrara ao fato durante os dias de prisão, foi procurado por dois agentes da polícia de segurança do Estado que o levaram de novo para o governo civil, conservando-o num dos infectos calabouços durante uns 11 dias. Como início de reorganização não pôde começar melhor o governador civil e destas violências se arreigou mais no meu espírito a convicção de que ali andava de dda disciplina... e aquelha autoridade a deixar-se ir na rede.

Neste momento é chamada a nossa atenção para o lado oposto da rua. Num automóvel, a pouca velocidade, vinham uns estúrdios cantoralando. Eram alguns boémios de ambos os sexos que, talvez no fim duma ceia bem regada de vinhos caros, concluíam a festa com uma passeata às hortas.

—Vá isto!—diz-nos o nosso interlocutor.—Todas as madrugadas tenho ocasião de observar. São os novos ricos que não tem em que gastar o dinheiro e procuram os prazeres para esbanjar a larga o que a nós nos falta. E aquelas desgraçadas tem uns momentos de felicidade que rapidamente se esvaem. Coitadas! Vivem de ilusões, ao princípio muito chics e depois... depois...

O que nós para ali vemos, perfeitamente abandonadas, a calarem aos pedaços, farrapos humanos a desfazerem-se! Uma miséria!

Baixou a cabeça comovido e prosseguiu:

—Quer ouvir: No novo regulamento

A POLÍTICA INTERNACIONAL

continua a desenvolver-se sempre no mesmo sentido, isto é, no sentido do acréscimo do caos e da instabilidade económica, política e social

A Alemanha e o Ruhr

A política do Ruhr produz os frutos amargos que previmos tanto na *Ere Nouvelle* como no *Evil Breton*, há já bastantes meses. Só se colhe o que se semeia. O governo do Bloco Nacional, os jesuitas do «Comité des Forges» se amaram em Janeiro. Aproximam-se para eles o momento da colheita, porque a messe bem depressa estará madura. Por isso, todos veem presentemente o que os alguns observadores viam há mais de 6 meses.

Todos os grandes jornais britânicos se mostram apreensivos: o *Times* que manifestou como um espelho fiel o opinião da *Cité*, o centro do poderio económico britânico, o *Observer* e *Specialist*, órgãos remanais defensores da política conservadora, sem falar de todos os jornais liberais.

A Alemanha dizem-nos todos por formas diversas está em vésperas duma derrocada económica a qual determinará a Revolução. O abismo está aberto e a vitima começa a despenhar-se nele. Já não se pode deter a *degringolade*.

No *London School of Economics* (Universidade de Londres), o professor Cassel de Stockolmo numa conferência expôs a ruína da Alemanha e afirmou que esta ruína apresenta mais perigos, maior gravidade que as devastações das regiões francesas, belgas, servias, etc.

Disse a verdade. A simples reflexão, prova esta verdade.

A área da ruína provocada pela política dos ocidentais depois de 1919, acrecida e intensificada pela política do Ruhr é muito maior que a área das devastações propriamente ditas da guerra de 1914-1918. É lógico portanto que as ruínas causadas por esta forma sejam muito maiores. São doura natureza, eis a diferença.

Mas a verdade magoa. Por isso os autores dos actos incriminados, protestam e ironizam no boletim do *Temps*.

Protestos e ironias não impedem entretanto que as cousas sejam o que são. E o que se vê, é uma circulação de dez trilhões de bilhões de marcos em notas do banco. E o que se observa, é o marco papel desvalorizando-se com uma velocidade acelerada, e tendendo para zero.

No momento em que escrevo, o seu valor é apenas de duas centésimas e uma quinquagésima parte do centímo-ouro. Quando o leitor, ler o que escrevo, o seu valor será ainda menor.

O marco alemão segue a marcha do rublo russo. Pode-se dizer que na Alemanha já não existe a moeda. O que arrasta consequências conhecidas por todos: a instabilidade dos preços das

cousas muito mais móvel que os preços do trabalho, e daqui como consequência, o empobrecimento incessante dos operários, dos camponeses, dos empregados, dos comerciantes, dos industriais.

Só enriquecem os que podem transformar os seus marcos em moeda estrangeira, ou em aumento dos seus imóveis, fábricas, etc.

Mas este enriquecimento constrói-se sobre a ruína da massa, e é mais aparente que real porque não apresenta nenhuma segurança.

Este enriquecimento não existe aliás senão para uma pequena minoria. Manifesta-se pelo aumento da maquinaria das grandes firmas. É o verso da medalha cuja outra face é o empobrecimento intenso.

O *Temps*, ou seja por ignorância, ou por má fé, só vê patentes manifestações de enriquecimento. Para ele, a árvore oculta a floresta.

Não sabe, ou não quer afastar-se para melhor aprender o conjunto. Recusa-se a analisar os efeitos nas várias direcções dos diversos fenómenos sociais na Alemanha.

Os jornais ingleses veem mais claro. E constataam a miséria crescente em toda a Alemanha, a sub-almatação de todos os salarizados, a mortalidade infantil, crescente, assim como o aumento das doenças da miséria. E apresentam a cólera crescente das massas esmeadas, cólera atizada pelos patriotes germânicos, os proprietários, os militares que não compreendem que a cólera popular os atingirá em primeiro lugar.

A Revolução está incubada, amadurece. Em breve se desencadeará. É o grito da Inglaterra conservadora, que tem medo, realmente medo do catolicismo continental tão próximo. Todos os sintomas, eis os assinala com inquietude. E sob a sua aparência fria, a sua cólera cresce contra os autores desta ruína: A França imperialista do Bloco Nacional.

Os conservadores britânicos esquecem-se de se verem ao espelho. Se o fizéssem, ver-se-iam, também como autores do próximo catolicismo. São eles os autores do tratado de Versalhes, mais ainda que o velho Clemenceau.

E a política do Ruhr outra coisa não é, que uma consequência do tratado de Versalhes. Continua-o e completa-o.

Na verdade em 1921, os britânicos viram o perigo, mas só o viram quando para eles tinham extrair a substancial medula do pobre tratado. E viram-no tarde de mais para poderem deter o

Bloco Nacional e os seus empregados, os ministros franceses.

O sr. Stanley Baldwin procura retomar a direcção da política europeia da qual o sr. Poincaré se apoderou quando viu o sr. Bonar Law recuar ante as bravatas nacionalistas franceses. Conseguir-lhe há, sem dúvida, mas será tarde de mais para impedir o desenvolvimento lógico e natural dos actos precedentes.

O oriente europeu e o próximo oriente

Consequência há tarde de mais porque a política britânica persegue duas leões ao mesmo tempo: A paz com a Alemanha e a guerra com a Rússia. Certo é que a habilidade dos políticos russos forçou lord Curzon a adiar para outra ocasião a guerra que tinha em vista. Mas esta será uma ameaça constante enquanto o governo britânico estiver por uma fração nas mãos dos magnatas de Curzon.

Lauemos um golpe de vista sobre o que se passa em Lausane, na Bulgária, na Roménia, na Polónia, na Tchecoslováquia, na Iugoslávia e compreendemos já como a guerra é uma ameaça constante.

Na Bulgária o governo do golpe de estado é nitidamente reaccionário, contra os camponeses, pelos proprietários da terra, e contra a aliança com a Rússia Soviética. O «Eco da Bulgária», um órgão officioso do governo, ingenuamente o confessa.

Na Polónia, o ministério Witto é reaccionário, a favor dos grandes proprietários, contra os pequenos e médios camponeses.

Na Roménia, o rei faz namorado ao novo governo búlgaro, falando-se até a união das reais espingardas.

Na Iugoslávia, os panslavistas mostram-se descontentes com a atitude da Roménia. Pouco faltou para ajudarem os camponeses búlgaros. Mas os italianos do fascista Mussolini ameaçaram e a Iugoslávia contentou-se em rosnar sem se mecher.

Mas todos estes acontecimentos não têm nenhuma significação aos olhos dos democratas da Tchecoslováquia. Estes pretendem a paz com o fim de saquear a sua moeda, seguindo processo identico ao da Gran-Bretanha. Vendendo por isso forçados a tributar fortemente as fortunas. O que seria a oposição dos magnates polacos, romenos, húngaros e búlgaros; achando-se a Tchecoslováquia ameaçada duma rutura por parte da pequena «Entente» que dará lugar a um novo agrupamento. Benes e Masaryk têm uma dura tarefa de levar a cabo. É qualquer dia para evi-

tarem um fracasso completo ver-se-hão obrigados a pender para a esquerda, em maior escala que a que iniciaram depois de 1919 sob a pressão franco-britânica. Voltar-se-hão para a Rússia soviética, seus irmãos slaves.

Do Báltico ao Mar Negro parece que ameaça reventar um conflito entre os diversos Estados constituídos contra a Rússia, depois de 1919. A política inglesa e a francesa tendem para a guerra feita pelos seus fiéis serventários: polacos, húngaros, romenos, gregos, búlgaros, etc... Veremos reventar estes conflitos na habitual estação das guerras, em julho ou agosto, época das colheitas? Na verdade, tudo o parece indicar!

Augustin Hamon.

Na Polónia

Opressão revoltante

LONDRES, 30.—Segundo escreve um correspondente, a luta entre a classe trabalhadora da Polónia, está cada vez mais acesa. Os capitalistas polacos, auxiliados pelo capital francês, declararam a guerra aos trabalhadores e perseguem sistematicamente as Unões Operárias. O governo polaco tomou como primeira tarefa a completa destruição das organizações revolucionárias dos trabalhadores, principalmente as Unões dos Trabalhadores e a União Proletária das Cidades e das Vilas.

Simultaneamente com a ofensiva dos industriais contra os «altos salários», o dia de oito horas e os feriados operários, o governo entregou-se furiosamente à supressão do movimento operário. Qualquer União que não bajele o governo e os capitalistas é declarada bolchevista (!) e perseguida.

As Unões mais activas foram fechadas pela polícia ou pelos tribunais. As Unões dos Manipuladores de Tabaco, de Produtos Químicos, de Açúcar, da Construção, de Coiro e Peles e das Madeiras para o estrangeiro.

O Conselho das Unões, em Varsóvia, foi também dissolvido, assim como as Unões independentes do país.

As organizações políticas dos trabalhadores, as Unões Proletárias, foram consideradas ilegais, embora fossem registadas em Setembro de 1922; todas as sedes foram encerradas e confiscadas as suas publicações. Quasi outro tanto aconteceu com os socialistas do Partido dos Independentes.

Para que se veja quem lucrou com o restabelecimento da pátria polaca,

HOJE, A VIUVA GOMES

Basta anunciar esta comédia para se encher o TEATRO NACIONAL

"O LÓDO", AS GREVES

Apreciação da tam discutida peça de Alfredo
—Cortez representada no teatro Politeama—

É tam nefasta a acção da crítica quando encobre defeitos como quando, com *parti-pris*, deixa de dizer verdades desagradáveis a um autor, se porventura a sua obra se descobri qualquer coisa de interessante, uma utilidade imediata. Não há rancores que possam deter a razão, como não há benevolências que possam fazer esquecer, o que de natureza é prejudicial ao destino.

É fácil atacar as coisas, porque a crítica mental da gente portuguesa, na sua maioria, ainda não subiu ao ponto de pensar por si, deixando de se influenciar pela opinião dos outros e em cujo espírito o jornal que lê todos os dias, ocupa uma situação primária. No barro humano, fraco e impressionável, ficam gravadas durante tempo, todas as ideias que as mãos menos delicadas lhe puzeram, às vezes bem grosseiramente.

O ressentimento desses vestígios impiedosos não pode, porém, ir além dos limites estritamente pessoais, alterando a imparcialidade de quem aprecia a cuja missão só deve presidir, a par do desejo de acertar, a obrigação (e este é o caso do crítico) de fornecer elementos de informação, tanto quanto possível justos; porque o único tribunal, perante quem artistas, dramaturgos e críticos, têm de dar conta dos seus actos, é o público, que não perdoa que o enganem na sua boa fé ou o ludibricem no seu simplismo.

Cremos que neste campo de favoritismo, mais o público tem que se queixar do que os autores dramáticos e os actores, para quem a crítica tem dado benefícios às mãos cheias.

Coloquemo-nos todos, portanto, no nosso lugar e digamos sempre o que é exacto, sem ver inimigos a quem atingir nem pessoas de amizade, a quem queiramos agradar!

"O Lódo", como o próprio título indica, e desde que se trata duma frase simbólica, não podia evidentemente aparecer aos nossos olhos e aos nossos sentidos, com a pureza e a transparência dum lago tranquilo, em que fossem reflectir-se todas as virtudes do mundo, e todos os assomos de grandeza, umas e outras, dia a dia mais raras. Lódo tinha de ser, o outro ignóbil em que o autor faz desenvolver a acção da sua peça e só uma de duas coisas o crítico e o público, poderão pretender saber, como fixação de modalidade teatral, é se o teatro de que se trata visa a defender uma tese, ou se não passa dum simples pretexto descritivo em que se faça o desenho dum quadro de vida prostribular, sem curar de saber o remédio ou remédios que tem neste caso aplicação.

Concretizemos: peça em que há um tema filosófico a defender, ou pintura fiel, mas sem preocupações, dum episódio doloroso da vida dos lupaneres, em que as cenas abjectas se sucedem, e que tanto podem ter campo de realização nos clubs de lavagem dos bairros ricos, como nos bairros pestilentos das vielas suspeitas.

A sordidez do meio em que o "O Lódo" se passa pouco tempo poderia dar a Alfredo Cortez, para entrar em divagações de saneamento moral, e se este é o lado fraco e perigoso da tragédia, é para lamentar que só agora o pudor e o raciocínio acordassem, depois da longa série de peças, que de há anos, vem conspurcando os bons sentimentos, e em que os *maridos sensíveis de agora*, não tem peço de levar as mulheres a assistir a elas, só porque uma

também somos impelidos a prender essas desgraçadas. Calcule que missão! Melhor, fosse lizasse por terminar com as crises que desenvolvem este cancro social, mas procedem muito ao contrário os cavalheiros que pretendem moralizar a corporação dos guardas nocturnos.

Comçava a decair e o nosso homem continou nas suas confidências. —O que eu depreendo é que a tal Confederação Patronal deseja uma guarda sua, uma guarda perfeitamente militarizada, armada e equipada convenientemente, decerto para a defender quando de tal necessite ou atacar quando o juízo preciso. Pela reorganização que se está forjando consegue a Confederação Patronal um exército para cima de mil homens que ficará na sua dependência.

O dinheiro é ela que o fornece, aquele dinheiro que nos roubam a nós, vamos subindo de passo com o discurrer daquela criatura.

—Pretendo que a entrada para o serviço seja às 19 horas e a saída às 7 da manhã, sendo substituídos à 1 hora da madrugada.

Será proibido falar com os inquilinos, haverá um comandante militar e quando chegar a revolução, que é o que para ali mais se inventa, não há turnos— todos os guardas são obrigados a estar nas suas áreas em pé de guerra, mais aos domingos e dias feriados, quando os patrões forem com as famílias passar o dia longe da cidade, somos também obrigados a tomar conta dos seus armazéns onde diariamente se rouba o povo.

Nós não respondíamos e não arredávamos dali. Ouvimos com certo praxer aquela criatura que o acaso deparou no nosso caminho. E ele ainda disse como a concluir:

—Sabe o que eu vejo nisto tudo? É uma espécie de guarda fascista. Julgo que é assim que se chama a uma tropa de salteadores que há lá para a Itália, segundo tenho lido. Mas aqui pretendem isso mascarado, querem entrar com pés de lá, porém, comigo não contem. Eu não sou de politicas. Se querem guardar a pele e a propriedade que não roubem tanto e venham eles para a sua defender-se, apesar de não terem razão alguma para isso, porque são eles que

tradição de elegância as acompanha e o snobismo lhes segredou um mérito que a obra muitas vezes não tem.

As revistas recheadas de ditos desmoralizadores e em que se faz a apologia dos maus costumes e de pieguetes estíreis que mutilam aspirações mais altas, no conceito da liberdade e da razão, são tam perniciosas peças imorais tanto assentaram arraiais na alta comédia.

E as peças de tese? Onde as há? E quando aparecem, quem as ajuda a fixar, ou com o bom aceitação ou com a propaganda dos seus fins educativos? Tentativas de teatro social, funcionalmente depurador de sentimentos, a ninguém em Portugal, seduz escrever, especialmente porque o público profere as frioleiras e, porque não dizê-lo, a graça livre e descabelada!

A peça "O Lódo", não é pois uma peça de tese. Limita-se a uma pintura carregada de aspectos da vida de alcanço friamente observados e flagrantemente descritos, mas infelizmente, cruelmente verídicos. Não educa a peça, como aliás não educa também, a maior parte da que estamos vendo por aí e em que, com frequência, os *Facões* e as *Júlias* da peça do sr. Cortez, são substituídas pela geração *smart*, que nos Ritz e Maxims, acamada com munições de baixa categoria e políticos de alto quilate, só com a diferença da topografia, Alfama, ou Rua de Santo António.

Em "O Lódo" há uma qualidade que não pode deixar de ser reconhecida, é o bom conhecimento que o autor tem da técnica da cena, e embora nos convençamos que o diálogo longo do segundo acto, é escutado sem enojo, principalmente porque o trabalho de Adelinia é superlativo, afirmaremos que isso não se daria com facilidade, se ele não estivesse conduzido por mão de quem não anda às apalpadelas.

O primeiro acto é impecável de urdidura, os personagens não recorrem aos «trucs» habituais de movimentação com entradas e saídas que são hábeis estratégias para alegrar a cena, quando as faculdades do dramaturgo são reduzidas.

"O Lódo" afinal apareceu agora no palco do Politeama, porque cá fora em muitas casas de boa reputação ele era tanto, que transbordou até lá, depois de ter passado pelas almas de muito conspícuo moralista que frequenta a Garrett, piscando o olho à mulher do amigo.

Desempenho Adelinia, muito bem; Robles, bem, Amélia Rey Colaço, correctamente; Constança Navarro, com a ingenuidade requerida.

Nota final: "O Lódo" dividiu a plateia em dois grupos, o que pataca e o palmeava.

O autor não gostou, como é natural, da divergência de critério, e esteriorizou o seu desagrado, avançando a passos de espectro para o lado da sala, que lhe estava sendo hostil. A berraria era de ensurdecer, ninguém se entendia, e o sr. Cortez avançando a passo cadenciado, estivesse posto umas longas barbas brancas, de estarmos vendo no "Hamlet" o velho rei da Dinamarca dirigindo a fala a seu filho! Foi um momento curioso, em que muita gente deu palmos e pataca, sem ter a consciência do que fazia...

Nogueira de BRITO

provocam a revolta a explorar toda a gente.

Puxou do relógio e reconheceu que eram horas de abandonar o serviço e recolher a casa para descansar um pouco. Não observamos:

—Também são horas para me deitar e creia que não empreguei mal o meu tempo. Se souberes...

—Se calhar é dos jornais... Não me incomoda isso. O que disse é só a verdade.

E um aperto de mão de despedida: —Se o governador civil ou o governo ignoram os fins da tal confederação é porque são parvos. Dão-lhe todas as facilidades para organizar uma corporação militar que amanhã, com nova gente recrutada para o serviço, gente decerto escolhida e preparada, será um perigo para o governo ou para as instituições, como lhes chegam e quem bem. É isto que eu prevejo e quem quiser que adivinhe...

Separámo-nos. O dia já começava a romper e nós fomos a caminho do nosso quarto onde procurámos o descanso de que tanto necessitávamos.

Fazendas de lá para verão
o Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 2.º andar
tem sempre uma grande variedade de tecidos em lá e estambre que vende directamente ao preço da fábrica

Manda amostras no domicílio que podem ser pedidas pelo

TELEFONE N. 4670
Lás em fio para malhas.

Filial rua do Ouro, 206 e 208
LOJA DA AMERICA

Tem alfaiate

Uma declaração
O camarada João Caldeira, operário pedreiro, pede-nos para declarar que embora trabalhe em Belém com o salário de 16550, não é encarregado da respectiva obra como se pretende insinuar. Tem também as passagens pagas, mas está dentro da reclamação apresentada pelo Conselho de Secções do Sindicato. Trabalha simplesmente como pedreiro.

Classes gráficas

Mantém-se no mesmo estado os conflitos das casas Libânio da Silva e Anuário Comercial. Se ainda não foram solucionados deve-se isso em grande parte ao sr. Júlio de Sousa, proprietário da Tipografia Libânio da Silva, que se comprometeu a fixar na sua oficina os salários que fossem estabelecidos na casa de obras do *Diário de Notícias* (15500 a 17500), recusando-se agora a fazê-lo, pois quer que os seus operários aceitem os salários de 11500 a 15500. Facilmente se descobre a sua intenção, a qual consiste em estabelecer a concorrência desleal que as classes reclamantes pretendem fazer terminar com a fixação do salário mínimo.

Os grevistas que tem sabido manter uma atitude digna e enérgica, continuam dispostos a lutar até ao fim.

Para que as classes tomem conhecimento da marcha do movimento, são convocados a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede. A comissão, em face da importância do assunto, pede a comparecimento de todos os componentes das classes reclamantes.

EM OLHÃO

A greve dos soldadores continua com a mesma firmeza

Mau grado as constantes tentativas que a patronal cá do burgo tem posto em prática para desvirtuar as intenções do actual movimento grevista dos operários soldadores, este continua no mesmo estado devido à inexplicável intransigência dos industriais, que não contentes com a exploração que já exerciam, ainda tiveram o descaramento de apresentarem, como proposta para a solução do conflito, condições tais que outra coisa não é senão um insulto a uma classe inteira.

Portanto, a responsabilidade do movimento ainda durar cabe única e simplesmente à Associação Industrial. Poderá a fome entrar, como já entrou, nos lares dos soldadores, mas estejam os industriais certos que estes jamais se entregaram sem que as suas regalias tenham sido completamente satisfeitas.

EM VALONGO

Tendo obtido completa vitória, os mineiros resolveram retomar o trabalho

VALONGO, 2.º—Após uma reunião realizada hoje de manhã, resolveram os grevistas aceitar a intervenção do administrador do concelho, para a solução do conflito.

Nessa conformidade, reuniram hoje todos os industriais na Administração do Concelho, e, aceitando a reclamação dos seus operários pela justiça que encerra, resolveram tomar o compromisso que ficou expresso num documento, que nos foi dado conhecer por intermédio do delegado do Comité Confederal do Norte, e que é firmado por representantes de todas as empresas.

Em resultado disso, os grevistas, em uma reunião em que entusiasticamente foi saudada a C. G. T. e a organização operária, aprovaram a moção seguinte: "Considerando que os representantes de todas as empresas, reunidos na Administração do Concelho, resolveram não só comprometer-se a fazer o aumento sobre os salários dos operários, como a aceitar todos os que desejem retomar o trabalho sem nenhuma espécie de represálias;

Considerando mais que a autoridade administrativa firmou um outro documento, no qual se afirma que os compromissos tomados serão cumpridos e ainda que o aumento será dado a partir da próxima semana, os operários mineiros e dos serviços correlativos, refulgem, resolvem:

a) Suspender a greve pelas razões expostas nos dois considerandos;

b) retomar o trabalho amanhã, terça-feira;

c) que o sindicato se organize imediatamente para lançar novamente a classe em luta, se se verificar a falta de cumprimento do compromisso tomado e assinado pelos industriais.

Dada a precipitação com que foi lançado este movimento, sem ser precedido duma reunião, pode concluir-se que ele terminou com uma vitória completa para os operários, demonstrando-se assim que os mineiros de Valongo estão aptos para grandes lutas, sempre que elas sejam necessárias.

Ontem pudemos saber por alguns empregados das Companhias Mineiras os motivos que levaram as empresas a não quererem aumentar os salários a seu pessoal. Achá-lo-biamos aceitáveis até certo ponto, senão concessões mais definitivas administração de algumas dessas empresas, facto de que os operários não têm culpa.

Ainda numa próxima correspondência continuaremos escalpelando o procedimento incorrecto de algumas criaturas, que decerto não gostarão de ver a Batalha levantar o véu que encobre certo caso grave que, a quem viaja nos comboios, muito interessa. Diremos entretanto que o chefe da estação ferroviária, está ameaçado de transferência acusado de ser o instigador da greve.

Dispõe a causa felizmente, de «A Batalha», que não se vende, e dos jornais da classe ferroviária. Eles se ocuparão deste assunto que simultaneamente muito interessa o público e os ferroviários.

É com satisfação que constatamos a forma correcta e digna com a autoridade procedeu, não só contribuindo para a solução do conflito, mas também nem uma só violência tendo cometido durante a greve notando-se até que a máxima liberdade foi concedida, claro está, porque nenhum motivo indicava o contrário, em virtude da boa conduta dos grevistas.

Resta-nos agora, esperar que a Companhia Inglesa, proceda de forma a que a organização operária, por intermédio dos seus delegados, possa a dizer aos mineiros que a greve está terminada, em vez de apenas estar suspensa a luta.

EDEN

Telefone N. 3800

—AS 8 3/4 e 10 3/4—

Alegria Deslumbramento

A graciosa revista

CALDO VERDE

Números repetidos — Linda música — Excelente desempenho

Finório da Costa (compêre), por Alvaro Pereira

40 coristas bailarinas

Deslumbrantes apoteoses

Luxuosíssimo guarda-roupa

S. CARLOS

Companhia Lucília Simões

Despedidas

HOJE MAGDA

Não há uma nota discordante: todos elogiam

LUCILIA SIMÕES

pelo seu trabalho na protagonista desta peça.

Opapel de Schwartz por Erico Braga

Notável conjunto — Esplendida em

cenário de António Pinheiro

Primoroso programa pelo sexto

A seguir Mar Alto, de Ant Ferro

Bilhetes desde 2000, a venda de dia

semanalmente. Telef. 3400 e 3400

e camarotes 2500 e 1500.

Uma arbitrariedade

A expulsão de dois operários argentinos como «indesejáveis»

Há mais dum mês seguimos do Porto para Valença do Minho, onde tem a realizar uma sessão de propaganda associativa no Sindicato dos Trabalhadores daquela localidade, os operários Arcadio Aragon, Miguel Hernandez e Manuel Augusto Silveira. Entre as estações de Viana e Caminha, foram abordados pelo agente de polícia de emigração Casa Branca, que os prendeu, fazendo-os apelar nesta última estação, e conduzindo-os para a cadeia da vila.

Dali vieram para o Porto e desta cidade para Lisboa, conservando-os a polícia nos calabouços do goémico civil acusados de *indesejáveis*. Manuel Augusto Silveira foi posto em liberdade na sexta-feira, mas Arcadio Aragon e Miguel Hernandez, que são argentinos e já residem há bastante tempo no Porto, devem ser hoje conduzidos à fronteira espanhola, expulsos como *indesejáveis*, que é a única acusação que encontraram mais a propósito.

Ora em Portugal, que nos consta, não existe nenhuma lei que permita tal expulsão a criaturas que não cometeram delito algum, e só o pretexto de *indesejáveis* não justifica a arbitrariedade que as autoridades vão cometer, verificando-se ainda que sendo eles cidadãos argentinos não está certo recambiá-los para Espanha.

Que mais pretextos apresentarão as autoridades para assumir uma atitude tam despótica?

Então um indivíduo que pertença a outro país não pode aqui residir com a mesma liberdade dos naturais?

Onde está essa democracia apregoada de norte a sul do país, o respeito pela liberdade de cada um?

Que crimes cometeram aqueles homens para serem expulsos?

É uma arbitrariedade contra a qual não podemos deixar de protestar. Não se admitam injustiças numa terra onde nos ensinaram a pelear pela liberdade.

AS CREANÇAS

Fracas de nascença ou as que tem o organismo enfraquecido por doenças que tiveram, as que tem falta de apetite ou cor pálida, as que se encontram em convalescência de qualquer doença grave e, em geral, todas as crianças raquíticas, escrofulosas ou linfáticas, devem tomar o «Adipol», excelente para crianças, preferível às emulsões e ao óleo de fígado de bacalhau, pelo seu gosto agradável e pelas suas superiores propriedades tónicas. O «Adipol» acelera a nutrição, estimula o apetite e facilita a digestão. Todas as crianças, seja qual for a idade, podem tomar o «Adipol»: ele não contém substâncias que irritem o estômago ou os intestinos.

Frasco, 10500, Correo, mais 2500. Depósito geral: Farmácia Monteiro, Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A e 13-B, Lisboa. Telefone 2041, Norte.

Proesas de senhorios

Na rua da Barroca, 58-2.º, vive Sílberia Rosa. Há dois anos o senhorio, que reside no 3.º andar, pretendeu aumentar-lhe a renda, ao que aquela se negou sendo obrigada de então para cá a depositá-la na Caixa Geral dos Depósitos. A mulher do senhorio, Elisa Martins, para se vingar, escavacava-lhe a casa pela escada e a respectiva porta, deixando as paredes arruinadas com grandes buracos.

Estes senhorios são capazes de tudo, até em estragar aquilo que devia conservar, porque arruinam o que lhes pertence.

POR ESSE MUNDO FORA

VENEZUELA

Um drama político

CARACAS, 3.º — O vice-presidente Juan Gómez, irmão do presidente da República, que residia habitualmente numa casa de campo, foi encontrado assassinado no porão de um hotel por motivo de razões de ordem política. Os adversários políticos queixam-se há muito tempo da tirania insuportável dos irmãos Gómez.

INGLATERRA

Crise comercial

LONDRES, 3.º — Alguns jornais mostram que o comércio inglês atravessa uma grave crise, havendo uma descida constante dos preços de venda, desde Abril próximo passado. O *Times* diz que a situação comercial é tam obscura que os homens de negócio estão ansiosos para que se regularize a situação política internacional sem o que não pode haver segurança nos negócios.

É necessário resolver o problema das preparações para que volte a confiança aos meios comerciais.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa dos Cateceiros. — Para tratar de assuntos de seu interesse reúne hoje, a assembleia geral, pelas 19 horas.

Cooperativa Fabril Naval. — Reúne no dia 11 do corrente, pelas 17 e meia horas, a assembleia geral, para resolver sobre o incidente originado pela venda de comidas e bebidas na sede da Cooperativa e deliberar sobre todas as consequências que dele advieram.

Reúne ontem a comissão que apreciou o relatório apresentado por um delegado para assistir hoje a uma assembleia geral dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cel, da área da Meia Laranja, para estudar a viabilidade da constituição duma comissão de propaganda sindical naquela área.

Foi resolvido reunir na quinta-feira, pelas 20.30 horas, e convidar as secções da C. Civil, Cerâmicos e Juventudes Sindicistas de Palma a enviar delegados a esta reunião para se estudar a melhor forma de se constituir naquela localidade uma Comissão Mista de Propaganda até que se generalize por todos os bairros esta iniciativa que já tem o apoio dos organismos centrais.

É convidado a comparecer nesta reunião um delegado da U. S. O.

Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa dos Cateceiros. — Para tratar de assuntos de seu interesse reúne hoje, a assembleia geral, pelas 19 horas.

Cooperativa Fabril Naval. — Reúne no dia 11 do corrente, pelas 17 e meia horas, a assembleia geral, para resolver sobre o incidente originado pela venda de comidas e bebidas na sede da Cooperativa e deliberar sobre todas as consequências que dele advieram.

S. CARLOS

Companhia Lucília Simões

Despedidas

HOJE MAGDA

Não há uma nota discordante: todos elogiam

LUCILIA SIMÕES

pelo seu trabalho na protagonista desta peça.

Opapel de Schwartz por Erico Braga

Notável conjunto — Esplendida em

cenário de António Pinheiro

Primoroso programa pelo sexto

A seguir Mar Alto, de Ant Ferro

Bilhetes desde 2000, a venda de dia

semanalmente. Telef. 3400 e 3400

e camarotes 2500 e 1500.

O conflito entre os pescadores e os armadores

Nota oficial da Associação dos Pescadores

Reuniu ontem a Liga dos Oficiais da Marinha Mercante a fim de apreciar o conflito latente entre armadores e as tripulações dos vapores de pesca, estando para esse fim representantes dos armadores de todas as empresas em litígio. Conhecedores dessa reunião, os delegados dos Fogueiros e Pescadores, como não fossem convidados pediram à direcção da Liga para comparecerem na assembleia, visto tratar-se de assuntos que lhes dizem respeito, o que lhes foi negado, acontecendo, porém, ainda ser pelo presidente da Liga convidada a sair a direcção da classe dos Fogueiros de Mar e Terra, sendo depois mandada fechar a porta de entrada.

Caso único para nós, francamente. Pois se a assembleia era para tratar da questão da pesca, quais as razões porque não foi permitido a presença dos representantes do respectivo pessoal numa assembleia de classe, livre? Julgar-se iam os armadores e a Liga dos Oficiais competentes para resolver o assunto a sós sem a interferência dos respectivos pessoais?

Enganam-se. Estes assuntos para nós são muito melindrosos e temos sempre por eles bastante respeito e uma certa consideração. Felizmente sabemos de fonte segura as razões que levaram a Liga dos Oficiais a procederem de forma a não consentir a presença dos delegados do respectivo pessoal. É que a assembleia era dos armadores e não de oficiais da Marinha Mercante, visto que foram aqueles que a convocaram e que sempre estiveram senhores da tribuna, não para resolverem qualquer coisa de prático, mas sim para atacarem aqueles a quem bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar imoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agragências, como a de dois oficiais de marinha mercante, que tal constam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reunimos sempre de porta aberta e as nossas assembleias são diferentes das vossas.

Quando se tratam de interesses de classes, gostamos muito até que estejam presentes todos os interessados e não fugimos nunca da nossa ordem de trabalhos nem admitimos por princípio algum que se estejam presentes aqueles que não estejam presentes, visto isso representar uma falta de senso e de lealdade.

Fizemos bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar imoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agragências, como a de dois oficiais de marinha mercante, que tal constam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reunimos sempre de porta aberta e as nossas assembleias são diferentes das vossas.

Quando se tratam de interesses de classes, gostamos muito até que estejam presentes todos os interessados e não fugimos nunca da nossa ordem de trabalhos nem admitimos por princípio algum que se estejam presentes aqueles que não estejam presentes, visto isso representar uma falta de senso e de lealdade.

Fizemos bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar imoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agragências, como a de dois oficiais de marinha mercante, que tal constam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reunimos sempre de porta aberta e as nossas assembleias são diferentes das vossas.

Quando se tratam de interesses de classes, gostamos muito até que estejam presentes todos os interessados e não fugimos nunca da nossa ordem de trabalhos nem admitimos por princípio algum que se estejam presentes aqueles que não estejam presentes, visto isso representar uma falta de senso e de lealdade.

Fizemos bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar imoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agragências, como a de dois oficiais de marinha mercante, que tal constam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reunimos sempre de porta aberta e as nossas assembleias são diferentes das vossas.

Quando se tratam de interesses de classes, gostamos muito até que estejam presentes todos os interessados e não fugimos nunca da nossa ordem de trabalhos nem admitimos por princípio algum que se estejam presentes aqueles que não estejam presentes, visto isso representar uma falta de senso e de lealdade.

Fizemos bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar imoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agragências, como a de dois oficiais de marinha mercante, que tal constam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reunimos sempre de porta aberta e as nossas assembleias são diferentes das vossas.

Quando se tratam de interesses de classes, gostamos muito até que estejam presentes todos os interessados e não fugimos nunca da nossa ordem de trabalhos nem admitimos por princípio algum que se estejam presentes aqueles que não estejam presentes, visto isso representar uma falta de senso e de lealdade.

Fizemos bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar imoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agragências, como a de dois oficiais de marinha mercante, que tal constam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reunimos sempre de porta aberta e as nossas assembleias são diferentes das vossas.

Quando se tratam de interesses de classes, gostamos muito até que estejam presentes todos os interessados e não fugimos nunca da nossa ordem de trabalhos nem admitimos por princípio algum que se estejam presentes aqueles que não estejam presentes, visto isso representar uma falta de senso e de lealdade.

Fizemos bem, e nesse sentido damos-lhe razão porque se estes estivessem presentes não estariam aqueles senhores 5 horas de palanque a pregar imoralidade. E assim podemos afirmar que aquilo não foi uma reunião para tratar de interesses gerais, mas sim de ataques pessoais, parecendo-nos também impossível que haja agragências, como a de dois oficiais de marinha mercante, que tal constam. Nós por cá, senhores armadores e senhores oficiais da marinha mercante, reunimos sempre de porta aberta e as nossas assembleias

Um grande comício em Valongo

A população operária daquela interessante vila recebe com entusiasmo a propaganda sindicalista

Notas e impressões do enviado especial de A BATALHA

PORTO, 2.—Como tinha sido largamente anunciado, efectuou-se em Valongo, no aprazível lugar do Calvário, um comício contra as extorsões do comércio e da indústria e de propaganda sindicalista. A essa importante reunião pública, a que assistiu uma parte da burguesia da terra, foram delegados da Delegação Confederal do Norte, da U. S. O. desta cidade, da União Ferroviária e da Associação dos Mineiros e Anexos de Gondomar.

Afirmava-se, dias antes, que as autoridades, apesar do respectivo administrador ter concedido licença por escrito, interviriam no sentido de não permitir a efectivação do comício, para que o povo da vila, escuro ainda nas ideias de renovação social, não pudesse escutar as verdades e as afirmações revolucionárias levadas pelos perigosos agitadores da cidade do Porto.

Porem, o bom senso predominou, e as autoridades brilharam pela sua ausência, à excepção do administrador e secretário, que, como quaisquer cidadãos curiosos, assistiram igualmente ao comício, dando toda a liberdade garantida na Constituição do país, o que satisfatoriamente registamos.

Um importante comício

Pelas 11 horas, ante uma grandiosa concorrência e sob as copas das árvores serenas por falta de ventação que suavizasse o calor de forno que então fazia, constituiu-se a mesa, que ficou composta por Joaquim Ramos Vieira, Carlos Guimarães e o autor destas linhas, respectivamente presidente e secretários.

Explicados os fins daquela pública reunião, anteriormente já justificados em manifesto profusamente distribuído na vila em referência, usa da palavra Luis Cândido Pereira que, em nome da U. S. O., saudou o povo valongense em geral e o operariado em especial. Cui a fundo sobre a madracice e as superfluidades da burguesia, história a forma como ela se foi constituindo, a influência nefasta que ela tem exercido na vida dos povos, tirando-os e explorando-os com implacável fúria; faz um flagrante contraste entre a ociosidade e a opulência dos detentores da terra e dos instrumentos de trabalho e os humildes trabalhadores que, sendo os únicos produtores de todas as riquezas sociais, vivem em permanente miséria e sofrimento. Depois apresenta felizes imagens para demonstrar que se a burguesia estivesse dum lado só as suas libras e os seus farrapos de papel-moeda, e do outro o operariado com todos os utensílios de trabalho feucando a primeira terminaria por sucumbir a fome, enquanto que o segundo triunfaria livremente na vida, porque possuindo todas as condições de produtividade, desenvolveria toda a criação indispensável à existência de todo o ser humano.

Por fim, cita vários exemplos de vida social entre determinadas espécies inferiores, como as abelhas e as formigas, para concluir por descrever o que é a organização operária e por exortar a que todos os trabalhadores presentes, em especial os mineiros e os que se empregam na indústria louzeira, se unificem num sindicato profissional para a defesa dos seus direitos de um melhor bem-estar económico e social. O orador foi coroado com uma vibrante salva de palmas.

Dizem-se verdades duras e incontestáveis

Seguiu-se-lhe, pela União Ferroviária, o camarada Carlos Guimarães, que salda igualmente os circunstantes em nome dos ferroviários do Minho e Douro.

Crítica asperamente o papel escamoteador desempenhado pelo capitalismo, que, agarrando todas as fontes de riqueza e toda a produção trabalhadora, provoca a carestia da vida e a consequente miséria que invade os lares das famílias proletárias.

Referiu-se à urgente necessidade de todo o que trabalha se organizar, sem o que jamais poderão conquistar a felicidade a que tem justos, saindo da triste miséria a que estão votados os que se estiolam nas fábricas e nas minas, termina fazendo votos por que o sindicato dos operários mineiros e anexos seja um facto—sendo aplaudido.

Pela Delegação Confederal do Norte, o autor deste extracto, depois de saudar o povo valongense em nome de todo o operariado do norte, encara a carestia da vida sob todos os seus múltiplos aspectos, afirmando que ela partiu desde que apareceu o primeiro burlesco a ludibriar a humanidade. Vem,

pois, de longe. Analista a exploração comercial, os trances do industrialismo, as manobras da finança, que em todos os países e em todos os tempos tem dificultado a existência das populações laboriosas e originado as mais graves perturbações sociais; os escândalos, a péssima administração e as onerosas extorsões do Estado, que, constituído para escavar as camadas obreiras, outra coisa não tem feito do que auxiliar os especuladores na sua faina de sugar o suor do pobre que trabalha. Demonstra que a miséria tem sido a causa das revoluções passadas e há de ser o motivo das revoluções futuras. Foi servido de dela que os republicanos desenvolveram toda a sua propaganda antidinástica, levando o povo a esperar nas doces promessas dos caudilhos rospieristas, a pegar em armas para a proclamação da República. Provando que este regime e os seus homens falam por completo, atirando as suas afirmações para se colocarem, com o maior descaramento, ao lado de toda a ordem de traficantes e ladrões—assevera que só com a destruição de todo o sistema autoritário e capitalista é que a miséria, as desigualdades e as injustiças deixarão de existir. Depois de se referir ao facto dos industriais e dos comerciantes irem desenvolvendo as suas associações de rapina para, unidos, melhor exercerem a sua acção de ataque aos trabalhadores e consumidores, termina por fazer a franca apologia da organização sindicalista, citando exemplos e incitando a que os mineiros se solidarizem à volta da bandeira do seu sindicato que vão fundar.

Também comprovou que os aumentos de salários são a consequência dos desavairados aumentos que os industriais e comerciantes tem feito aos produtos.

Uma velha história, mas sempre oportuna

Adriano Augusto Monteiro, num discurso inflamado, apresenta a história interessante passada entre um pai moribundo e três filhos, a quem os convidou a partir um molho de vimes, o que nenhum deles conseguiu, a despeito dos seus esforços.

O pai, então, desfazendo o molho, parte, um a um, todos os vimes, o que antes fôra impossível quando reunidos.

Queixas e reclamações

Escrevem-nos vários moradores do bairro de Campolide para protestarem contra o facto do armazém regulador do Commissariado dos Abastecimentos, prejudicar em vez de beneficiar os consumidores. No seu protesto frizam a circunstância de não fazerem pesos e medidas nos géneros com a exactidão a que a lei os obriga.

—Procurou-nos o operário serralleiro João Carlos Marques para nos relatar o seguinte:

Há 7 meses conseguiu que a orfã Laura de Almeida, de 11 anos, desse entrada no Refúgio e ali aguardar transferência para qualquer asilo da Assistência. Há dias, dirigindo-se ao Refúgio para a visitar informaram-nos que há um mês que ela se encontrava a servir em casa do sr. Acácio Cardoso, rua do Almada, 81, 2.º direito. Como protestasse contra essa decisão foi informado que ela tinha sido tomada pelo sr. Fração chefe da repartição dos menores.

A atitude do sr. Fração foi iníqua pois não respeitou as condições em que a menor foi recebida na Assistência Pública.

Um apelo justo

Acorrendo ao apelo por nós publicado do anteontem do cego Frederico Conceição Ferreira, que necessita de comprar um violino para garantir os seus meios de subsistência, vieram à nossa redacção T. A. R. e Manuel Pereira, que nos entregaram, respectivamente, 20\$00 e 5\$00.

Horário de comboios

Comunicamos na C. P., que, a partir de 5 do corrente o comboio n.º 17, que actualmente tem o seu «terminus» em Porto-S. Bento, passa a efectuar-se unicamente até Vila Nova de Gaia, de onde os passageiros que se destinam a Campanhã ou Porto-S. Bento seguir de Vila Nova de Gaia a destino pelo comboio tramway n.º 1513.

Aquele nosso camarada quiz explicar, que estando todo o povo trabalhador unido, como um só homem, nas suas organizações de classe, não haverá força capaz de vencer, de o vergar, por mais potente que seja essa força. Faz propaganda sindical e, no fim da sua brilhante oração, é vitorioso com entusiasmo.

O representante da Associação dos Mineiros e Anexos de Gondomar, Lino de Castro, usando da palavra, faz interessantes considerações a propósito da exploração operária e manifesta o seu desejo de que os mineiros de Valongo se sindicalizem. Ergue vivas ao proletariado e organização trabalhadora e abençoa a burguesia e exploradores da humanidade—sendo entusiasticamente correspondido.

Carlos Guimarães lê a seguinte moção:

«Considerando que o povo de Valongo vai desperdiçando o tempo letárgico em que há muito estava imerso; considerando que a carestia da vida é cada vez mais assoladora, obrigando o povo trabalhador a reclamar mais uns miseráveis centavos para fazer face àquele mal sempre crescente considerando que são os detentores do capital os verdadeiros causadores da miséria que avassala os nossos lares; considerando ainda que esta situação só poderá ser modificada com um forte espírito de solidariedade de toda a família trabalhadora e consumidora, obtendo a exploração dos argenteiros do comércio, indústria e finança; o povo de Valongo, reunido em comício público, resolve:

1.º—Emittir a sua opinião de que os poderes constituídos, se não estivessem de cumplicidade com os traficantes de toda a ordem, poderiam opor medidas tendentes à repressão dos revoltantes abusos do comércio, indústria e banqueiros, não se excluindo a sanha ferina dos senhores; 2.º—Reclamar a cultura imediata dos terrenos incultos e a exploração das minas que estejam por explorar; 3.º—Mas reconhecendo que a felicidade verdadeira dos povos, do operariado, só reside na sua emancipação integral, baseada numa sociedade mais justa e equitativa, que não a capitalista, o povo trabalhador Valongense também toma em consideração o incitamento que lhe é feito para reu-

nir nos respectivos sindicatos profissionais a insituir.

Esta moção foi aprovada por aclamação, após o que foi encerrado o comício, que decorreu sem o menor incidente e com entusiasmo.

Ainda sobre a visita do nosso enviado especial a Valongo—A crónica publicada no sábado passado causou sensação

A crónica por nós publicada no sábado sobre as nossas impressões acerca da abandonada vila de Valongo, causou certa impressão. Assim se explica também a venda rápida dos exemplares de A Batalha que ontem levamos para o comício a que acima nos referimos, sendo de interessante efeito, antes de principiar a redacção, as dezenas de criaturas estarem a ler as nossas considerações, escutando-as, em grupo, aqueles que não conhecem uma letra.

E' que, já no sábado, alguns habitantes de Valongo tinham comprado A Batalha por indicação de alguém, espalhando pela vila a grande nova e despertando a curiosidade de toda a gente. Até pessoas gradas da burguesia quiseram apreciar o que nós disseamos do que se passa em Valongo. Foi, inconteavelmente, uma grande propaganda para o nosso jornal, que quasi era desconhecido naquela terra.

A raiva de alguns industriais

A população concordou, confirmou, nas suas conversas particulares, tudo quanto afirmamos a respeito de Valongo. Só os industriais, com o tal Palhito à frente, é que se desesperaram com a pancada que lhes demos; só o célebre inquisidor de crianças, Lino Marques de Carvalho, é que não gostou da que descobrimos a careca, nem a sua mulher tam pouco que, enraivecida, grosseiramente insultou um nosso camarada ferroviário quando passava a sua porta, na persuasão de que fosse ele o autor da zaragata dos nossos informes, que tanta celeuma levantou em Valongo.

Não nos preocupou, porém, que os visados exploradores do povo dessem fortemente ao rabo por dedicarmos a referida crónica a Valongo, pondo a nua

certas patifarias lá cometidas. Basta que o povo trabalhador daquela vila ficasse satisfeito para nós ficarmos também.

Os senhores gananciosos

E' já agora, digamos de passagem, e que não foi dito da outra vez, que em Valongo igualmente há questão do inquinato. Os senhores, umas grandes biscoas sem escripturas, aspiram à equiparação dos aluguéis dos seus cubículos imundos com os aluguéis das casas do Porto, tendo já iniciado a sua acção nesse sentido.

Numa terra onde o salário normal é de 4\$00, 5\$00 e 6\$50; onde o desgraçado, para fazer face a uma doença qualquer, não possui um farrapo sequer para empregar, onde a miséria é extrema—imaginem onde tudo isto vai parar. E a agravar o mal, temos então a situação de interessante efeito, que pouco a pouco, vão assombrando as casas para as transferir em depósitos, em armazéns de rétem de artigos e géneros de toda a ordem. Daqui a pouco, por este andar, metade da população, senão a maior parte, terá de ir dormir para os montes.

Era já tão antigo a população pobre já montanhas buscar um pouco de lenha, visto que ela, em abundância existindo, chega para todos. Assim, a gente pobre, além de a utilizar em seu benefício próprio, la vendendo às padarias alguma para matar a fome. Pois agora mercê da ganância desnoventida, dos senhores, que tudo querem aproveitar, não olhando aos outros, está vedado esse costume, talvez de há séculos nem simples rama de pinheiro, nem um simples bocado de carne que nasce sem trabalho nem dispêndio nos montes, é permitido ao pobre, o miserável tirar, mesmo que seja para acender o seu fogareiro. A guarda republicana, por este facto, prende gente todos os dias principalmente mulheres e crianças, obrigando-as a levar para o hospital qualquer pedaço de lenha ou rama tirada, e encalhando-as, depois, numa indecorosa promiscuidade, nas prisões nojentas da vila... Ora nem já no que nasce espontâneo nos montes, e que constantemente cresce, se pôde tocar...

São estes os progressos da terra. Abandono, exploração e tirania. E' aqui estas e outras coisas que não queriam que dissessemos? Ora ceblório...

RENDIMENTOS DOS OPERÁRIOS

Recolheu à enfermaria provisória, 7, do Hospital do Desterro, Manuel Luis Gonçalves, de 24 anos, marítimo, residente no Beco dos Biquinhos, 22-2, que a bordo do vapor francês «Vile Djobout» fundado em frente da doca do Jardim do Tabaco, deu uma queda ficando muito confuso nas pernas.

—No Banco do Hospital de São José recebeu ontem curativo Domingos Alves Araújo, de 20 anos, residente na rua da Bica, aos Anjos, 14-1c, que no Rossio caiu da carroça que guiava, ficando ferido na cabeça.

AGRESSÕES

No Banco do Hospital de São José receberam ontem curativo: Joaquim dos Santos, de 47 anos, que no Dafundo, numa desordem, ficou ferido na orelha esquerda e cabeça; Luis Campos Neto, de 30 anos, que na mesma rua foi agredido ficando ferido na cabeça.

Entre um eléctrico e um camião

No Banco do Hospital de São José recebeu ontem curativo Manuel Maria, de 49 anos, proprietário de carroças, que na rua dos Panqueiros foi entalhado entre um eléctrico e um camião ficando confuso no torax.

Doença súbita

Ontem, junto à doca de Santos, adoeceu subitamente um subido alemão cuja identidade se desconhece e que chegou já cadáver ao Hospital de São José. Depois de verificado o óbito recolheu à Morgue.

Entrados na Morgue

Na Morgue deram ontem entrada: Silvestre Lourenço, de 50 anos, natural de Arruda dos Vinhos e residente na Estrada das Amoreiras, (quinta dos padres) que ali faleceu sem assistência; e dois fetos encontrados na Rabicha e Bairro América.

MESSINES

Deplorável inconsciência!

O dia de S. João foi aqui rudemente festejado, como de costume. Os trabalhadores, esquecendo a miséria que reina em seus lares, com uma inconsciência que confunde, entregaram-se às mais expansivas manifestações de alegria, enchendo as tabernas imundas onde as libações desmedidas deram lugar a cenas sangrentas, duma das quais saíram feridos com pauladas Armando da Silva e Luis da Silva.

RENDIMENTOS DOS OPERÁRIOS

Recolheu à enfermaria provisória, 7, do Hospital do Desterro, Manuel Luis Gonçalves, de 24 anos, marítimo, residente no Beco dos Biquinhos, 22-2, que a bordo do vapor francês «Vile Djobout» fundado em frente da doca do Jardim do Tabaco, deu uma queda ficando muito confuso nas pernas.

Entre um eléctrico e um camião

No Banco do Hospital de São José recebeu ontem curativo Manuel Maria, de 49 anos, proprietário de carroças, que na rua dos Panqueiros foi entalhado entre um eléctrico e um camião ficando confuso no torax.

Doença súbita

Ontem, junto à doca de Santos, adoeceu subitamente um subido alemão cuja identidade se desconhece e que chegou já cadáver ao Hospital de São José. Depois de verificado o óbito recolheu à Morgue.

Entrados na Morgue

Na Morgue deram ontem entrada: Silvestre Lourenço, de 50 anos, natural de Arruda dos Vinhos e residente na Estrada das Amoreiras, (quinta dos padres) que ali faleceu sem assistência; e dois fetos encontrados na Rabicha e Bairro América.

MESSINES

Deplorável inconsciência!

O dia de S. João foi aqui rudemente festejado, como de costume. Os trabalhadores, esquecendo a miséria que reina em seus lares, com uma inconsciência que confunde, entregaram-se às mais expansivas manifestações de alegria, enchendo as tabernas imundas onde as libações desmedidas deram lugar a cenas sangrentas, duma das quais saíram feridos com pauladas Armando da Silva e Luis da Silva.

típica, que em tudo imitava a bela alazã, e que a seguia a cada passo, aproximou-se também do cavalo, e, como todos os limitadores, ultrapassou os limites da bridadeira; a outra, continuava fazendo de conta que não via o velho; passava e repassava por diante dele, com ar assustado, de modo que ele perguntava a si próprio, muitas vezes, se seria preciso enfiar-se com ela, tanto mais quanto mais ela era divertida.

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

Diferentes peripécias escandalosas, nunca observadas, se tem dado no decorrer deste incidente, nas quais se tem envolvido os agentes da navegação e o representante da casa Juiz Filhinho, do Algarve, cedendo as embarcações ao seu dispor para os grupos de inconscientes e velhacos, que vergonhosamente se prestaram a traír o pessoal organizado.

Espera-se a vinda de delegados da Federação Marítima, da C. G. T., da Federação Corticeira e de Mario Domingues, que foi convidado a vir a Sines para tratar desenvolvidamente na

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

Diferentes peripécias escandalosas, nunca observadas, se tem dado no decorrer deste incidente, nas quais se tem envolvido os agentes da navegação e o representante da casa Juiz Filhinho, do Algarve, cedendo as embarcações ao seu dispor para os grupos de inconscientes e velhacos, que vergonhosamente se prestaram a traír o pessoal organizado.

Espera-se a vinda de delegados da Federação Marítima, da C. G. T., da Federação Corticeira e de Mario Domingues, que foi convidado a vir a Sines para tratar desenvolvidamente na

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

Diferentes peripécias escandalosas, nunca observadas, se tem dado no decorrer deste incidente, nas quais se tem envolvido os agentes da navegação e o representante da casa Juiz Filhinho, do Algarve, cedendo as embarcações ao seu dispor para os grupos de inconscientes e velhacos, que vergonhosamente se prestaram a traír o pessoal organizado.

Espera-se a vinda de delegados da Federação Marítima, da C. G. T., da Federação Corticeira e de Mario Domingues, que foi convidado a vir a Sines para tratar desenvolvidamente na

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

Diferentes peripécias escandalosas, nunca observadas, se tem dado no decorrer deste incidente, nas quais se tem envolvido os agentes da navegação e o representante da casa Juiz Filhinho, do Algarve, cedendo as embarcações ao seu dispor para os grupos de inconscientes e velhacos, que vergonhosamente se prestaram a traír o pessoal organizado.

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

Diferentes peripécias escandalosas, nunca observadas, se tem dado no decorrer deste incidente, nas quais se tem envolvido os agentes da navegação e o representante da casa Juiz Filhinho, do Algarve, cedendo as embarcações ao seu dispor para os grupos de inconscientes e velhacos, que vergonhosamente se prestaram a traír o pessoal organizado.

Espera-se a vinda de delegados da Federação Marítima, da C. G. T., da Federação Corticeira e de Mario Domingues, que foi convidado a vir a Sines para tratar desenvolvidamente na

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

Diferentes peripécias escandalosas, nunca observadas, se tem dado no decorrer deste incidente, nas quais se tem envolvido os agentes da navegação e o representante da casa Juiz Filhinho, do Algarve, cedendo as embarcações ao seu dispor para os grupos de inconscientes e velhacos, que vergonhosamente se prestaram a traír o pessoal organizado.

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

Diferentes peripécias escandalosas, nunca observadas, se tem dado no decorrer deste incidente, nas quais se tem envolvido os agentes da navegação e o representante da casa Juiz Filhinho, do Algarve, cedendo as embarcações ao seu dispor para os grupos de inconscientes e velhacos, que vergonhosamente se prestaram a traír o pessoal organizado.

Projecta-se um golpe na organização operária

De há dias que se vem arrastando um grave conflito entre a classe marítima organizada e alguns fabricantes, chefiados pela firma Rosa & Estevo.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

E' quarta-feira da próxima semana que reaparece no Apolo, a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, sendo a peça da estreia «A Garra», em que Alves da Cunha tem um trabalho admirável. A companhia dará um limitado número de representações, levando a scena, entre outras peças, e em «première» o original «A Fera», de Ramada Curto.

Para as primeiras réctas podem já marcar-se bilhetes.

—Por se estar a proceder a obras na vasta sala do Coliseu dos Recreios, esta casa de espectáculos conservar-se-á encerrada durante os meses de Julho e Agosto devendo começar a sua nova exploração na primeira quinzena de Setembro.

—O público que admira o teatro lígeo e que é ainda muito numeroso, apesar de tudo quanto se escreve, contrariando esta verdade, vai assistir depois de amanhã definitivamente à primeira representação no teatro Maria Vitória da graciosa fantasia-revista «Fado Corrido», original de Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues.

Réclames

«A Viúva Gomes», a graciosíssima peça que tem em scena o Nacional, da hoje, no elegante teatro, a sua 1.ª récta da moda para a qual tomaram bilhetes muitas famílias sabedoras de que a peça é polvilhada de fina graça, genuinamente portuguesa, que faz rir sem ferir susceptibilidade.

—«A revista do Eden, «Caldo Verde», prossegue hoje na sua brilhantíssima carreira, representando-se em duas sessões. E' o mais deslumbrante espectáculo de actualidade, com surpreendentes scenários e luxuosa guarda-roupa. A esses atractivos acresce a graciosidade da peça, uma linda música e um excelente desempenho.

—Bastou o simples anúncio de esta tem a efectuar-se em S. Carlos, as últimas representações da «Magda» para que recrudescesse a concorrência ao elegante teatro, que tributa à grande actriz Lucília Simões, os mais entusiásticos aplausos pela forma brilhante e inextinguível como interpreta a parte de protagonista. Hoje, em S. Carlos, repete-se a «Magda».

CARTAZ

S. CARLOS.—A's 21,15—«Magda».
NACIONAL.—A's 21,15—«A Viúva Gomes».
AVENIDA.—A's 21—«A Chama».
FILHOTEAMA.—A's 21,30—«Filha do Lazare».
APOLLO.—A's 21,15—«Má sina» e «A Saudade».
EDEN-TEATRO.—A's 20,45 e 22,45—«Caldo Verde».

COLISEU.—Não há espectáculo.
GIL VICENTE.—A's 21—«Florcy».

S. LUIS.—A's 11—«Variedades».
SALAO FOZ.—A's 21,30—Animatógrafo.
CHIADO TERRASSE.—A's 14 e as 20—Animatógrafo.

CLAYTON.—Animatógrafo.
CONDES (Avenida).—Animatógrafo.
CENTRAL (Avenida).—Animatógrafo.
CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges).—Animatógrafo.

IDEAL (Loretto).—Animatógrafo.
ROSSI (Arco Bandeira).—Animatógrafo.
CHANTECLER (Avenida).—Animatógrafo.
FROMOTORA (ao Calvário).—Animatógrafo.

EDEN-CINEMA (Alcântara).—Animatógrafo.

DESPORTOS

FUTEBOL

A final da Taça Mutilados de Guerra

No domingo realiza-se um desafio de futebol entre o Carcavelinhos e o Belenenses para disputa da Taça «Mutilados de Guerra», instituída pelo jornal A Capital e posta em disputa pelo jornal da especialidade Os Sports.

O desafio que começa às 13 horas, realiza-se no campo de Palmavá, gentilmente cedido pela direcção do Império Lisboa Club, e será arbitrado pelo sr. Silvestre Rosmaninho, do Casa Pia Atlético Club.

Mina de S. Domingos.—V. A. João.

—Não temos catálogo de livros, e lista dos livros à venda, veja 4.ª página de A Batalha.

Unhais da Serra.—F. S. N.—O seu débito é de facto desde 1 de Abril, e em breve irá para a Associação da Covilhã.

Imprensa esta questão a fim de ser realiado ao operariado do país o escriptulo e a seriedade das forças vivas da terra.

Entre corticeiros e marítimos tem havido a máxima solidariedade.—C.

Mina de S. Domingos.—V. A. João.

—Não temos catálogo de livros, e lista dos livros à venda, veja 4.ª página de A Batalha.

Unhais da Serra.—F. S. N.—O seu débito é de facto desde 1 de Abril, e em breve irá para a Associação da Covilhã.

Imprensa esta questão a fim de ser realiado ao operariado do país o escriptulo e a seriedade das forças vivas da terra.

Entre corticeiros e marítimos tem havido a máxima solidariedade.—C.

Mina de S. Domingos.—V. A. João.

—Não temos catálogo de livros, e lista dos livros à venda, veja 4.ª página de A Batalha.

Unhais da Serra.—F. S. N.—O seu débito é de facto desde 1 de Abril, e em breve irá para a Associação da Covilhã.

Imprensa esta questão a fim de ser realiado ao operariado do país o escriptulo e a seriedade das forças vivas da terra.

Mina de S. Domingos.—V. A. João.

—Não temos catálogo de livros, e lista dos livros à venda, veja 4.ª página de A Batalha.

Uma excursão à Póvoa de Varzim

A favor da Casa dos Trabalhadores do Porto

A excursão que a Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores de Porto effectua, no dia 29 do corrente mês, à formosa vila da Póvoa de Varzim, tendo um acolhimento entusiástico por parte do operariado e colectividade profissionais, que aguardam ansiosamente a chegada da delegação.

A procura de bilhetes tem sido extraordinária, estando quasi todos esgotados. Este facto demonstra que a excursão vai ser um excelente passeio de propaganda sindical e revolucionária, com o qual os ideais de emancipação humana muito tem a lucrar.

A Comissão Central Pró-Casa dos Trabalhadores, previne que todos os bilhetes devem ser liquidados até ao dia 26 de Julho, cham